

# A DESCONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS BÍBLICOS EM *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*

Matheus Silva Vieira<sup>1</sup>

Tércia Montenegro Lemos<sup>2</sup>

## Resumo

O presente trabalho trata da desconstrução dos personagens bíblicos, feito por José Saramago em seu livro, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991). Nosso objetivo é demonstrar o efeito paródico, utilizado, por Saramago, para a (re)construção de seus personagens. Assim, dividimos metodologicamente o trabalho em sete partes, a primeira é uma rápida introdução ao conceito de paródia, e as outras seis representam os personagens que iremos analisar: José, Maria, Madalena, Jesus, Deus e o Diabo. Em relação a nossa fundamentação teórica, utilizaremos os estudos sobre paródia usados por Sant'Anna (2004) baseados nos modelos dos formalistas russos Tynianov e Bakhtin. O nosso embasamento metodológico se baseia nos estudos sobre a obra saramaguiana realizado por Ferraz (1998), Ferreto (2007) e Pinheiro (2007). Ao término do nosso trabalho, concluímos que o autor desse evangelho, por meio de recursos paródicos, como a ironia, acaba por (re)categorizar os personagens bíblicos, dessacralizando personagens consagrados pelo cristianismo e sacralizando os excluídos dessa religião cristã.

**Palavras – chave:** Personagens, Paródia, Saramago

## 1. Introdução

Considerado como um dos maiores escritores de nossa época, José Saramago nasceu na província de Azinhaga em Portugal, no dia 16 de novembro de 1922. Saramago publicou seu primeiro livro, *Terra do Pecado*, em 1947. Porém, só encontrou notoriedade e reconhecimento mundial com a publicação de *Levantado do Chão* (1980) e *Memorial do Convento* (1982). No ano de 1991, publica o que viria a ser o seu livro mais polêmico, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Em 1998, Saramago foi agraciado com a maior distinção literária do mundo, o Prêmio Nobel de Literatura, tornando-se o primeiro escritor, em língua portuguesa, a receber tal prêmio. Segundo o secretário da academia sueca, Sture Allen, Saramago recebeu o prêmio “por sua capacidade de tornar por compreensível uma realidade fugida, com parábolas sustentadas pela imaginação, pela compaixão e pela ironia”<sup>3</sup>.

É impossível na obra saramaguiana desagregar a escrita dos princípios do autor; o próprio Saramago já dizia que “aonde vai o escritor vai o cidadão”. Envolto em seu materialismo marxista e no racionalismo voltairiano, Saramago gostava de se classificar

---

<sup>1</sup> Aluno da graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. E-mail: matheus\_s.v@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora deste trabalho. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. É professora adjunta desta instituição, junto ao departamento de Letras Vernáculas. E-mail: literatercia@hotmail.com

<sup>3</sup> Comunicado à imprensa, 8 de outubro de 1998, disponível em:

[http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1998/press-po.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/press-po.html). Acesso em 22 de novembro de 2010.

como um “comunista libertário”. Ateu convicto, insistia em salientar a sua incompreensão de uma religião cristã baseada no sacrifício e no sofrimento.

O foco do nosso trabalho recairá sobre *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), livro no qual encontramos as características marcantes do escritor: a ironia, a polêmica e a provocação. O nosso trabalho se desenvolverá através da análise de personagens do livro em comparação com os personagens bíblicos presentes no Novo Testamento, e em especial nos evangelhos de Lucas, Mateus, Marcos e João. Assim, Procuraremos demonstrar o efeito paródico utilizado por José Saramago na (re)construção de seu evangelho, totalmente oposto aos evangelhos canônicos. Para realizar essa pesquisa, utilizaremos como fundamentação teórica os estudos sobre paródia usados por Sant’Anna (2004), baseados nos estudos dos formalistas russos Tynianov e Bakhtin. Como embasamento metodológico, utilizaremos os estudos sobre a obra de Saramago realizados por Ferraz (1998), Ferreto (2007) e Pinheiro (2007).

## **2. Paródia**

Muitos teóricos, como por exemplo, Tynianov, Bakhtin e Sant’Anna (2004) estudaram a problemática da paródia.

Paródia, em grego, significa uma ode que perverte o sentido de outra ode, para-ode. O primeiro comentário sobre essa palavra aparece na *Poética* de Aristóteles, na qual se atribui a Hegemon de Thaso a origem, na arte, da palavra paródia, pois Hegemon usou o estilo épico para representar os homens não como superiores, mas como inferiores; ocorrera aí uma inversão, já que o gênero épico, na antiguidade, representava os homens melhores do que eram, colocando-os no mesmo patamar que os deuses.

A paródia assim seria toda composição literária que imita por meio cômicos ou satíricos o tema de uma obra séria; seria um contra-estilo, apresentando um desvio em relação ao texto original. A paródia seria como uma espécie de “espelho invertido”, que deformaria o sentido original do texto, invertendo satiricamente o seu significado.

Na visão de Sant’Anna (2004), “o que o texto parodístico faz é exatamente uma re-apresentação daquilo que já havia sido recalçado”; assim, “é uma nova e diferente maneira de ler o convencional”.

Sendo assim, é indispensável estudar a paródia presente em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, pois essa característica está presente desde as primeiras até as últimas páginas do livro.

### 3. Análise do *corpus*

*O Evangelho Segundo Jesus Cristo* foi publicado em 1991. Este é uma espécie de “paródia sacrílega” dos evangelhos canônicos, narrando “às avessas” a história mais conhecida do Ocidente, apresentando um Jesus mais humano que divino. Personagens rejeitados pelo cristianismo, como Madalena e o Diabo, serão elevados à categoria de santos. Outros, consagrados pelo cristianismo, como José e Maria, serão rejeitados pelo narrador.

A análise do nosso *corpus* usará, como base, os personagens mais conhecidos do livro e será dividida, como maneira de facilitar a exemplificação, nas seguintes partes: 3.1 José, 3.2 Maria, 3.3 Madalena, 3.4 Jesus, 3.5 Deus, 3.6 Diabo.

#### 3.1 José

Nos evangelhos canônicos, pouco é referido sobre José, o pai de Jesus. O narrador de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* se apossa desse “vazio” deixado pelos textos bíblicos para a construção do perfil do personagem. Logo, nas primeiras páginas do livro, o narrador demonstra não ter muita simpatia por José, pois narra cenas do cotidiano que levam o personagem ao ridículo:

Encaminhou-se para um alpendre baixo, que era a barraca do jumento, e ali se aliviou, escutando com uma satisfação meio consciente o ruído forte do jacto de urina sobre a palha que cobria o chão... Louvou a Deus por, em sua sabedoria, ter formado e criado no homem os orifícios e vaso que lhe são necessários à vida, que se um deles se fechasse ou abrisse, não devendo, certa teria o homem a sua morte (SARAMAGO, 1991, p. 24).

Nota-se, aqui, o início de uma dessacralização da personagem de José. O ato de urinar e a cômica oração transformam a imagem de um santo em uma figura patética.

José nos é apresentado como um personagem insignificante: “Já sabemos ser José carpinteiro de ofício, regularmente hábil no mester, *porém sem talentos para feições sempre que lhe encomendem obra de mais finura*”. (Idem, p. 29 – grifo nosso.)

Além de um profissional incompetente, José também é apresentado como intelectualmente desfavorecido, de caráter fraco e perfil inseguro, chegando a duvidar,

até mesmo, da paternidade de Cristo, suspeitando que sua mulher houvesse praticado adultério.

Ao personagem José, ainda é atribuída uma grande falta, que o irá marcar por toda a sua trajetória: a matança dos inocentes em Belém. A partir desse fato, José passa a ter pesadelos em que sonha, todas as noites, que caminha em direção à aldeia vestido como soldado de Herodes, armado com lança e punhal, para matar o seu filho.

Quando Jesus descobre que o silêncio da covardia do seu pai foi responsável pela morte de tanto inocentes em Belém, passa a sentir uma profunda mágoa em relação a ele, e o passa a chamar não mais de pai, e sim de “José Filho de Heli” e de “teu marido” quando dialoga com Maria, sua mãe. Isso nos faz evidenciar um distanciamento de Jesus em relação à figura de seu pai.

O narrador do evangelho tira o personagem de José muito cedo da trama, este é levado à crucificação em Séforis. Para Jesus, o seu pai “morreu inocente, mas não viveu inocente” (Idem, p. 192), pois José sempre carregará a culpa da morte das crianças. O legado de José é o pesadelo e a culpa. Esta levará Jesus, seu filho, a andar com suas sandálias, a seguir seus passos.

Segundo Ferraz (1998), José é totalmente dessacralizado, adquirindo características próprias das frágeis figuras humanas: remorso, culpa, medo, insegurança e covardia.

### **3.2 Maria**

Maria, aquela chamada pelo *Apocalipse* de “a arca da verdadeira aliança” e pelo o Anjo da anunciação de “cheia de graça”, é totalmente dessacralizada no evangelho saramaguiano. Já nos primeiros comentários sobre a mãe de Jesus, o narrador se apossa da ironia para descrever o perfil de Maria:

Sobre os dotes de Maria, por enquanto, só procurando muito, e mesmo assim não acharíamos mais do que é [...] não passa duma rapariguinha frágil, por assim dizer dez-réis de gente [...] apesar de fraca figura [...] recolherá bosta seca de gado (SARAMAGO, 1991, p.30).

Maria seria assim uma mulher insignificante, fato também comprovado no diálogo entre o Anjo (Diabo) e Maria:

Então Jesus é filho de mim e do Senhor, Mulher, que falta de educação, debes ter cuidado com as hierarquias, como as precedências, do Senhor e de mim é que deverias dizer, Do Senhor e de ti, Não, do Senhor e de ti, Não me embaralhes a cabeça, responde-me o que te perguntei, se Jesus é filho, Filho,

o que se chama filho, é só do senhor, tu, para o caso, não passaste de ser uma mãe portadora, Então o senhor não me escolheu, Qual quê, o Senhor ia só a passar, quem estivesse a olhar tê-lo-ia percebido pela cor do céu, mas reparou que tu e José eram gente robusta e saudável (Idem, p. 311- grifo nosso).

Agora, comparemos o trecho acima com uma passagem bíblica:

O anjo disse-lhes: “Não temas Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz a um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim”. [...] Então Maria disse: “eis aqui a serva do senhor faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo afastou-se dela (Lucas 1, 30-38).

Nota-se aqui um discurso totalmente antagônico entre o texto bíblico e o saramaguiano. O sentido do texto é completamente invertido. No texto bíblico, Maria seria uma mulher correta, que foi agraciada por Deus para carregar no seu ventre o “Filho do Altíssimo”. Já no evangelho de Saramago, Maria fora escolhida por mera obra do acaso, e não por ser a “bendita entre todas as mulheres”; desse modo, o discurso paródico, utilizado pelo narrador de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, acaba subvertendo o sentido original do texto bíblico.

A dessacralização de Maria continua com a sua profanação sexual:

Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já se vinha debruçando e procedia do mesmo modo com a sua própria túnica, e Maria, entretanto, abrira as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres. Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida, em verdade há coisas que o próprio Deus não entende, embora as tivesse criado (SARAMAGO, 1991, p.27).

O efeito paródico, nesse exemplo, é evidente: Maria deixa de ser a “Virgem Santíssima” ao mesmo tempo em que José deixa de ser o seu “castíssimo esposo”; assim, Jesus é concebido através de uma relação sexual entre os dois. Esse efeito paródico acaba indo em desencontro com os textos bíblicos, que colocam Jesus como uma obra do “Espírito Santo” sobre a “Virgem Maria”, assim José não teria participação na geração de Jesus: “José fez como anjo do senhor lhe havia mandado e recebeu em

sua casa sua esposa. E, sem que ele a tivesse conhecido<sup>4</sup>, ela deu à luz o seu filho, que recebeu o nome de Jesus” (Mateus 1, 24-25 ). Deste modo, coube a ele apenas o papel de “pai adotivo” de Jesus.

O desprezo do narrador por Maria não termina apenas com a sua profanação sexual. Maria ainda é apresentada como uma mulher sem piedade, sem justiça, mentirosa, maliciosa, desconfiada e cética, que nem sempre parece acreditar na natureza divina de seu filho Jesus, rejeita acreditar em Jesus: “não te cremos, disse a mãe, e agora mesmo que antes, porque escolheste o sinal do Diabo” (SARAMAGO, 1991, p.302).

Maria deixa a trama num episódio em que passa a responsabilidade, de acompanhar Jesus, à Maria de Magdala:

Eu te abençoo, Maria de Magdala, pelo bem que a meu filho Jesus fizeste, hoje e para sempre te abençoo. Maria de Magdala aproximou-se para beijar-lhe o ombro em sinal de respeito, mas a outra Maria lançou-lhes os braços, apertou-a contra si e as duas ficaram abraçadas, em silêncio, até que se separaram (Idem, p.345).

Concluimos, então, que a Maria de Saramago é totalmente oposta a Maria bíblica. Ela é representada “às avessas” em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*; deixa de ser a “santa e justa mãe de Jesus” e passa a ser a descrente e ignorante “Mãe do Salvador”.

### 3.3 Madalena

Maria Madalena, a prostituta mais famosa dos últimos dois milênios, e que tanto foi estigmatizada pela fantasia popular, como símbolo de decadência e perdição, encontra-se, no evangelho de Saramago, elevada à categoria de santa. O narrador decide, assim, redimir a Madalena bíblica, mal falada ao longo dos séculos. A essa personagem, o narrador atribui um perfil feminino delirante:

Jesus via-a aproximar-se, mas, se os olhos o não estavam enganando, ela vinha muito devagar, como acontece às vezes nos sonhos, a túnica movia-se, ondulava, modelando ao andar o balanço rítmico das coxas, e os cabelos pretos da mulher, soltos, dançavam-lhe sobre os ombros como o vento faz às espigas da seara. Não havia dúvidas, a túnica mesmo para o leigo, era de uma prostituta, o corpo de bailarina, o riso de mulher leviana (SARAMAGO, 1991, p.279).

---

<sup>4</sup> O verbo “Conhecer” (em hebraico *Yadá*) assume, também, a conotação de “conhecer sexualmente”.

Inicialmente, Madalena aparece, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, como uma prostituta, mas, paulatinamente, vai adquirindo o *status* de santa. O narrador não hesita em dar detalhes sobre o ato sexual entre Madalena e Jesus:

Maria de Magdala, que dizia, Calma, não te preocupes, não te movas, deixe que eu trate de ti, então senti que uma parte de seu corpo, essa, sumira no corpo dela, que um anel de fogo rodeava, indo e vindo, que um estremeamento o sacudia por dentro [...] era ele quem gritava, ao mesmo tempo que Maria, gemendo, deixava descair o seu corpo sobre o dele, indo beber-lhe da boca o grito, num sôfrego e ansioso beijo que desencadeou no corpo de Jesus um segundo e interminável frémito (Idem, p.283).

Assim, Maria Madalena é a responsável pela iniciação sexual de Cristo. A partir dessa relação sexual, a vida de Madalena começará a mudar drasticamente, “não sou prostituta desde que aqui entraste, está nas tuas mãos que continue ou não a ser” (Idem, p. 284). Logo, Madalena deixa de ser prostituta e passa a se entregar inteiramente a Jesus. É pelo ato sexual, considerado pecaminoso pelos cristãos, que Madalena encontrará a pureza e santidade.

Madalena vai, aos poucos, assumindo na vida de Cristo o papel destinado originalmente a Maria, sua mãe. Madalena passa a ser a protetora e conselheira de Jesus. Para Ferraz (1998) “o que une [Madalena] a Cristo não é apenas um amor carnal, mas também o amor de uma verdadeira mãe” (p.88). Ocorreria então a transferência das funções maternas de Maria de Nazaré para Maria Madalena.

A Madalena de Saramago é uma grande profetisa dotada de uma extrema sabedoria, seria um oráculo que orientava Jesus nos momentos mais difíceis.

Em um dos momentos mais dramáticos do livro, podemos perceber que os conselhos de Madalena persuadem Jesus a não realizar um de seus milagres mais famosos: a ressurreição de Lázaro.

Jesus disse-lhes, Teu irmão há-de ressuscitar, e Marta respondeu, eu sei que há-de ressuscitar na ressurreição do último dia. Jesus levantou-se [...] Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá, e perguntaria a Marta, crês tu nisto, e ela responderia, Sim, creio que és filho de Deus que havia de vim ai mundo, ora, assim sendo, estando dispostas e ordenadas todas as coisas necessárias, a força e o poder, e a vontade de os usar, só falta que Jesus olhando o corpo abandonado pela alma, estenda para ele os braços como o caminho por onde ela há-se regressar, e diga, Lázaro, levanta-te, e Lázaro levantar-se-á por que Deus quis, mas é neste instante, em verdade último e derradeiro, que Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar (SARAMAGO, 1991, p.428).

Quando examinamos a questão sob a ótica da paródia, percebemos que o narrador começa com uma repetição quase literal dos textos bíblicos, mas no final ocorre a completa inversão do sentido original. Evidenciemos essa inversão com a comparação de um trecho da Bíblia:

Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressurgirá”. Respondeu-lhe Marta: “Sei que há de ressurgir na ressurreição no último dia”. Disse-lhe Jesus: eu sou a ressurreição e a vida. Aquela que crê em mim, ainda que morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisto?” Respondeu-lhe ela: “Sim, Senhor. Eu creio que tu és o Cristo, o filho de Deus, aquele que devia vir ao mundo” [...] Tomado novamente de profunda emoção, Jesus foi ao sepulcro [...] Levantando Jesus os olhos ao alto disse: “Pai rendo-te graças, porque me ouvistes. Eu bem sei que sempre me ouves, mas falo assim por causa do povo que está em roda, para que creiam que tu me enviaste”. Depois destas palavras, exclamou em voz alta: “Lázaro vem para fora!”. E o morto saiu, tendo os pés e as mãos ligadas com faixas, e o rosto coberto por um sudário, ordenou então Jesus: ‘Desligai-o e deixai-o ir’ (João 11, 23-44).

Notamos que o discurso paródico do narrador saramaguiano provoca uma perversão total das escrituras sagradas. Um dos maiores milagres de Jesus, a ressurreição de Lázaro, que demonstraria a força do poder divino sobre a morte, simplesmente não acontece no evangelho saramaguiano. E, para marcar o tom paródico, temos a frase de Madalena: “Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes” (SARAMAGO, 1991, p.428).

A Maria Madalena em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* é totalmente remediada e santificada, ocorrendo a transformação de uma prostituta em santa.

### 3.4 Jesus

Assim como na (des)construção dos outros personagens bíblicos, Saramago se apossa dos “pontos obscuros” das escrituras sagradas para construir o perfil do seu personagem principal, Jesus. Cristo nos é apresentado como um ser mais humano que divino, ocorrendo então uma humanização do mito bíblico. Segundo Ferreto (2007), devemos lembrar que a dessacralização é um dos elementos característico do texto, pois é a partir da ironia, ou lógica dos contrários, que se constrói uma interdiscursividade do evangelho de Saramago com os evangelhos canônicos.

O narrador procura demonstrar, desde as primeiras aparições de Jesus, que este é apenas mais um homem comum:

O filho de José e Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo pelo sangue de sua mãe, viscoso pelas suas mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar, e chorará por esse mesmo e único motivo (SARAMAGO, 1991, p. 83).

Maria olha seu primogênito, que por ali anda engatinhando como fazem todos os crios humanos na sua idade, olha-o e procura nele uma marca definitiva, um sinal, uma estrela na testa, um sexto dedo na mão e não vê mais do que uma criança igual às outras, baba-se, suja-se e chora como elas, a única diferença é ser seu filho, [...] (Idem, p. 127).

Jesus aqui é colocado como filho de José, concebido a partir de uma relação sexual deste com Maria (p. 27); sendo assim, Cristo é fruto do “pecado original”, como todos os homens. Jesus é, assim, um bebê comum como todos os outros filhos dos homens, pois chora, baba-se e suja-se.

No evangelho saramaguiano, outro fato que compactua para profanação e humanização da figura de Jesus Cristo, é que ele sente desejo sexual como qualquer outro homem:

O corpo de Jesus deu um sinal, inchou no que tinha entre as pernas, como acontece a todos os homens e a todos os animais, o sangue correu veloz a um mesmo sítio, a ponto de se lhe secaram subitamente as feridas [...] (Idem, p. 270).

Devemos lembrar, como já se foi referido neste presente artigo, que Jesus foi iniciado sexualmente por Madalena.

Há passagens nas quais Jesus se mostra aventureiro, leviano e desrespeitoso com sua mãe: “um filho não trata desta maneira a mãe que lhe deu o ser” (Idem, p.346). Essa atitude vai em desencontro ao quarto mandamento da lei de Deus, que diz que os filhos devem honrar pai e mãe. Assim, temos um Cristo que não é feito só de amor e perdão, como nos é apresentado nos textos bíblicos. Para Ferreto (2007), o Jesus de Saramago é um herege tanto em relação aos tradicionais dogmas bíblicos, como também em relação aos próprios evangelhos.

Jesus deixa a casa materna e vai trabalhar com o Pastor (Diabo). Este se torna seu “professor” e lhe ensina o que considera serem “lições de verdade”, durante quatro anos, até que Jesus é tentado no deserto por Deus. Aqui, o discurso paródico instaura, mais uma vez, o seu “jogo de inversões”, pois o tentador é Deus e não o Diabo, como ocorre nos evangelhos canônicos: “Em seguida, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo demônio” (Mateus, 1, 1), “Cheio do Espírito Santo, voltou Jesus ao Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde foi tentado pelo demônio durante quarenta dias” (Lucas 4, 1-2). O Diabo, no evangelho saramaguiano, ocupa o lugar de professor de Cristo, e Deus, o de seu tentador.

Cristo passa a ser uma espécie de “marionete” para os fins maléficis de Deus. No episódio da barca, o clímax da história, no qual será selado o destino de toda a

humanidade, vemos Jesus desesperado em busca tanto da sua verdade como da de todos os seres humanos. Na barca, Cristo descobre que o seu fim será doloroso e infame, como convém a um mártir, e que a sua morte irá custar dor, sofrimento e o derramamento de sangue dos inocentes que estão por vir; e tudo isso para que Deus espalhe sua crença por toda a face da terra, aumentando seu poder em relação aos outros deuses.

Em um ato de desespero, Jesus tenta salvar a humanidade dessa carnificina generalizada. Seu plano é morrer como o “Rei dos Judeus”, ou seja, como um líder revolucionário, e não como “Filho de Deus”, pois, se morresse como “Rei dos Judeus”, os seres humanos estariam a salvo, e o sanguinário “plano da salvação” de Deus seria frustrado. Jesus então manda um de seus discípulos ir ao templo dizer que ele é o “Rei dos Judeus” e que irá governar o povo e atacar os romanos. Perante Pilatos, Jesus repete o mesmo discurso. Pilatos, não tendo outra saída, acaba por condenar Cristo. É o próprio Jesus que escolhe a morte na cruz, e pede que em sua cabeça seja colocada uma placa com as palavras: Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus. Se notarmos bem, a profanação aqui se completa, porque, ao mandar um de seus discípulos ao templo para entregá-lo, Jesus isenta Judas de culpa, este não é mais seu traidor, e sim aquele em que Cristo confiou para essa missão. Pilatos é remedido de qualquer culpa pela condenação de Cristo, pois tendo este mandado que o denunciasses e, ainda, tendo afirmado, perante os escribas, que era um líder revolucionário e que iria atacar o império de César, não deixou escolha a Pilatos a não ser condená-lo, como um inimigo de Roma. Assim, é como se Jesus fosse ao encontro da morte, numa espécie de suicídio.

Jesus vive os seus momentos finais, de dor e sofrimento, com o único propósito de salvar os homens do sanguinário destino reservados a eles. Nesta cena, Deus aparece no meio da agonia final de Jesus na cruz:

Deus aparece [...] dizendo, Tu és meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendia que viera trazido ao engano como se leva um cordeiro ao sacrificio, que sua vida fora traçada pra morrer assim desde o princípio dos princípios, e subindo-lhe à lembrança do rio de sangue e sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, *Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.* (Idem, p. 444 – grifo nosso).

O tom irônico dessa passagem é marcado pela última frase: “Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez”, aqui é como se Cristo pedisse desculpa aos homens pelas falhas de Deus. Na passagem bíblica, Jesus pedia a Deus que isentasse de culpa os soldados responsáveis pela sua execução: “Pai, perdoai-lhes; eles não sabem o que

fazem” (Lucas 23, 34). Aqui, o efeito paródico inverte a culpa, pois essa recai sobre Deus, por ser ele o responsável pelo planejamento da morte de Jesus.

Na visão de Ferreto (2007), o modelo paródico, usado por Saramago na construção do seu personagem, promove a sua inversão, e recria-se, assim, um novo perfil de Jesus, oferecendo ao leitor a possibilidade de uma reflexão sobre a história relatada na Bíblia.

### **3.5 Deus**

No evangelho saramaguiano, Deus é completamente dessacralizado e profanado, perdendo todo o seu caráter benevolente e misericordioso. Deixa de ser aquele deus de amor e caridade, “o criador da luz e da humanidade”, e passa a ser representado como um deus sanguinário e tirânico. O Deus de Saramago é, assim, um deus de violência e perversidade, incapaz de perdoar gratuitamente, pois, para ele, só o sofrimento do sacrifício é capaz de trazer o perdão. A demonstração de que Deus adora um derramamento de sangue, faz-se evidenciar no episódio em que Deus obriga Jesus a sacrificar a ovelha:

Jesus empunhou o cutelo, avançou para a ovelha que levantava a cabeça [...] O cutelo subiu, tomou o ângulo do golpe, e caiu velozmente como o machado das execuções ou a guilhotina que ainda falta inventar. A ovelha não soltou um som, apenas se ouviu, Aaaah, era Deus suspirando de satisfação (SARAMAGO, 1991, p.264).

Além de sanguinário, Deus ainda possui um pensamento megalomaníaco. Ele só pensa em poder e glória, e não se importa se o seu reino será marcado pelo vermelho do sangue dos inocentes:

Morrerão centenas de milhares de homens e mulheres, a terra encher-se-á de gritos e de dor, de uivos e rancos de agonia, o fumo dos queimados cobrirá o sol, a gordura deles rechinará sobre as brasas, o cheiro agoniará, e tudo será por minha culpa, Não por tua culpa, por tua causa, Pai afasta de mim este cálice, Que tu o bebas é a condição do meu poder e da tua glória, Não quero esta glória, Mas eu quero este poder (Idem, p. 391).

Deus usará Jesus como “cobaia” em seu plano, o papel dado a Cristo será o de mártir “que é o que melhor há para fazer espalhar a crença e favorecer uma fé” (Idem, p.370). Assim, Jesus precisaria morrer, para que o número de seguidores de Deus aumentasse.

A trágica e dolorosa morte de Jesus é planejada minuciosamente, com detalhes cruéis, e o que estarrece o leitor é que essa morte é planejada não pelo Demônio, mas por Deus:

E minha morte, será como. A um mártir convém-lhe uma morte dolorosa, e se possível infame, para que as atitudes dos crentes se torne mais facilmente sensível, apaixonada, emotiva. Não estejas com rodeios, diz-me que morte será a minha, *Dolorosa, infame, na cruz* (Idem, p. 37- grifo nosso).

Jesus pode ser comparado a um cordeiro levado ao sacrifício, que não tem nenhuma saída a não ser a morte. Cristo ainda tenta mudar o pensamento de Deus, em relação ao seu sacrifício, porém não consegue persuadir o “Todo Poderoso”. Jesus não tem outra saída a não ser concordar com o trágico destino que Deus lhe reservara. Todavia, Jesus ainda quer saber o que acontecerá com os homens após a sua morte, e exige que Deus fale quantas mortes e sofrimentos irão custar a sua vitória; Deus vendo-se acuado, não tem outra saída a não ser revelar a carnificina que ocorrerá após a morte de Cristo. O Diabo, assumindo um tom paródico, afirma que “é preciso ser Deus para gostar de tanto sangue” (Idem, p.391). Em passagens anteriores, também evidenciamos a ironia do Pastor (Diabo) para com as crueldades divinas: “ainda bem que [Deus] não dorme, assim evita os pesadelos do remorso” (Idem, p. 233).

Para o Deus saramaguiano, o único poder possível seria o medo, o pecado seria então um instrumento de controle dos homens, e estes seriam simples escravos da vontade absoluta de Deus: “O pecado é por assim dizer tão indispensável do homem, quanto o homem se tornou inseparável do pecado” (Idem, p. 376).

### **3.6 Diabo**

O profano instaura-se, o discurso do narrador é herético e o Diabo é sacralizado. Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a ironia do narrador apresenta-nos o Diabo como misericordioso, justo, honesto, demonstrando sinceridade e respeito aos humanos. Esse personagem está presente por quase todo o livro. É ele quem anuncia a Maria o nascimento de Jesus, quem aparece na cova depois da matança dos inocentes em Belém, e quem passa quatros anos ensinado Cristo no deserto.

O Diabo também é descrito como semelhante a Deus, em aparência:

Jesus olhou para um, olhou para o outro, e viu que, tirando as barbas de Deus, eram como gémeos, é certo que o Diabo parecia mais novo, menos enrugado, mas seria uma ilusão dos olhos ou um engano por ele induzido (SARAMAGO, 1991, p. 368).

O Diabo, assim, não é mais um monstro repugnante como é retrato em diversos quadros, ele é aqui semelhante a Deus. Se nos atentarmos bem aos fatos, veremos que esta descrição do Diabo, como sendo parecido com Deus, ou seja, dotado de uma beleza física, é totalmente plausível. Basta lembramos que Lúcifer (anjo da luz) era o anjo mais forte e belo que existia, ocupando uma posição de destaque em relação aos outros anjos. Tornando-se assim orgulhoso de seu poder, acabou se rebelando contra Deus e foi expulso do Céu.

O Diabo do evangelho saramaguiano é elevado à categoria de santo, deixando o papel de “vilão-mor” de toda a humanidade. A ironia de Saramago constrói o Diabo como “O Bom Pastor”, aquele que tenta salvar a humanidade do banho de sangue, propondo a Deus o fim do Mal:

Quero hoje fazer bom uso do coração que tenho, aceito e quero que o teu poder se alargue a todos os extremos da terra, sem que tenha de morrer tanta gente, [...] a minha proposta é que tornes a receber-me no teu céu, perdoado dos males passados pelos que no futuro não terei de cometer, que aceites e guardes a minha obediência, como nos tempos felizes em que fui um dos teus anjos predilectos,[...] Porque se o fizeres, se usares comigo, agora, daquele mesmo perdão que no futuro prometerás tão facilmente à esquerda e à direita, então acaba-se aqui hoje o Mal, teu filho não precisará morrer, o teu reino será, não apenas esta terra de hebreus, mas o mundo inteiro, conhecido e por conhecer, e mais do que o mundo, o universo, por toda a parte o Bem governará, e eu cantarei, na última e humilde fila dos anjos que te permaneceram fiéis, mais fiel então do que todos, porque arrependido, eu cantarei os teus louvores, tudo terminará como se não tivesse sido, tudo começará a ser como se dessa maneira devesse ser sempre [...] Não me aceites, não me perdoas, Não te aceito, não te perdo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora, Porquê, Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és ( Idem, p. 392).

Deus rejeita a proposta do Diabo, de acabar com o Mal, pois se tal Mal acabasse, acabaria também o Bem, já que a existência de um depende da do outro:

[...] este Bem que sou não existira sem este Mal que tu és, um Bem que tivesse de existir sem ti seria inconcebível, a um tal ponto que nem eu posso imaginá-lo, enfim, se tu acabasse, eu acabo, para que seja Bem é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como o Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um será a morte do outro” (Idem, p. 393).

Encontramos aqui o dualismo entre Deus e o Diabo (Bem e Mal). O Mal seria, assim, carência do Bem, seriam como os dois lados de uma moeda, inseparáveis. A existência de Deus depende da existência do Diabo. Temos, assim, a santíssima trindade do saramaguianismo, Deus (Pai), Cristo (Filho) e Diabo (Espírito “Santo”).

## **Considerações Finais**

Depois da análise do *corpus*, identificamos que a paródia é o recurso preferido por Saramago para a (re)construção de seus personagens, pois ela faz com que o leitor aguce todo o seu horizonte de expectativa a respeito dos textos bíblicos.

Devemos lembrar que a leitura de uma obra literária é inesgotável e, devido a nossa escassez de tempo, as análises de alguns eventos tiveram que ser reduzidas. Apesar disso, tentamos apresentar reflexões que ajudem o leitor a expandir seu conhecimento sobre a obra saramaguiana. As considerações desenvolvidas no presente artigo nos possibilitarão abrir novos horizontes acerca da obra de Saramago.

## **Referências Bibliográficas**

*Bíblia Sagrada*, São Paulo: Ave - Maria, 2008.

FERRAZ, S. *O quinto evangelista: o (des)evangelho segundo José Saramago*. Brasília: UnB, 1998.

FERRETO, A. A. *O Discurso Paródico no Cristo de José Saramago*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PINHEIRO, V. N. *O Trágico e o Demoníaco em O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 1998.

SARAMAGO, J. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.